

Encontro tem versões conflitantes

Craig Webb
da UPI

Washington — O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, deu a entender ontem que os Estados Unidos apoiavam seu plano para refinar a dívida externa de 112 bilhões de dólares porém um porta-voz do Departamento do Tesouro pouco depois explicou que o secretário James Baker não havia gostado da proposta brasileira.

As versões conflitantes sobre o encontro entre Baker e Bresser Pereira, que durou duas horas e meia, representaram apenas um começo turbulento e uma imagem do que está por vir nos próximos meses: tensas negociações sobre a crise da dívida.

Como o maior devedor do Terceiro Mundo, o Brasil, que decretou moratória em 20 de fevereiro, procura fórmulas novas para reescalonar seus compromissos. O resultado da negociação deve criar um precedente para todos os demais grandes devedores.

Bresser Pereira deu a entender que tinha o apoio norte-americano para um plano de substituição de até 35 bilhões de dólares de sua dívida de 70 bilhões de médio e longo prazos através de uma combinação voluntária de bônus de saída e capitalização de firmas brasileiras.

Segundo Bresser, os bônus teriam uma taxa de juros variável e muitos poderiam ser criados com valores de somente 70 ou 75% do débito nominal que iriam substituir.

Não-começo

Já o porta-voz do Departamento de Tesouro enfatizou que as duas partes concordaram, de um modo geral, que os problemas do Brasil deveriam ser conduzidos de forma convencional. O porta-voz, entretanto não deixou de mencionar que "o secretário Baker caracterizou a recentemente divulgada proposta da dívida do Brasil com um não-começo", antecipando que o plano não seria posto em prática.

Bresser e o porta-voz também

divergiram quanto ao suposto apoio dos Estados Unidos à posição do Brasil de achar que pode se entender com os bancos antes de negociar com o F.M.I.

O FMI freqüentemente funciona como uma agência repartidora de créditos mas também como um negociador dos países envolvidos em dificuldades. O Brasil se recusa a ir ao Fundo alegando que o organismo multilateral impõe condições excessivamente austeras para os pagamentos.

Já Bresser procurou realçar, na entrevista coletiva logo após a reunião com Baker, que o secretário aprovara a idéia de converter parte da dívida em bônus, desde que voluntariamente por parte dos credores.

Bresser também comentou que Baker aceitou a idéia de o Brasil negociar com os bancos privados antes de conversar com o FMI. O porta-voz do Tesouro retificou dizendo que para o secretário "isso era um assunto do Brasil e dos bancos".